

Fragmentos (auto) biográficos nas mensagens de adeus de suicidas

Yonissa Marmitt Wadi¹

Keila Rodrigues de Souza²

Por que um indivíduo resolve abandonar a vida cometendo suicídio? Desencontros amorosos, ciúmes, doença avançada, remorso, raiva, vingança, vergonha, orgulho ferido, solidão, problemas financeiros, dívidas..., aparecem como motivações nas mensagens de adeus deixadas por suicidas e encontradas em inquéritos policiais arquivados no Fórum da Comarca de Toledo/PR nas décadas de 1980 e 1990. Ao contrário de mensagens de adeus de personagens notórios – comumente testemunhos de seus fracassos ou fraquezas na vida pública –, tais mensagens, configuradas em bilhetes ou cartas, constituem-se em fragmentos (auto)biográficos – muito esparsos é certo – de vidas ordinárias, que oscilaram entre a razão e a loucura. São ‘escritos de si’ que, conjugados a vestígios oriundos de outras fontes, lançam luz sobre práticas cotidianas, representações sobre relações de gênero, étnicas, de geração e classe, relações entre individual e coletivo, público e privado, num certo tempo e lugar.

1. A escrita para além da vida e da morte...

Segundo Geneviève Bolleme, “nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se, dar-se prazer”³. Paradoxalmente, também aqueles que escrevem pouco antes de cometerem uma autoviolência, atentando contra sua própria vida, parecem ser movidos pelos mesmos intuitos: querem – consciente ou inconscientemente – viver para além da sua própria vida. Viver através dos escritos derradeiros, cujos conteúdos ‘amarram’ a vida dos vivos a vida dos mortos, que lhes fazem destinatários de suas motivações para o suicídio, por vezes culpabilizando-os por este ato. Esta função ‘psicológica’ de fazer cair

sobre os destinatários o peso e a culpa da morte do emissário é constante na maioria das cartas de suicidas. Analisando o conteúdo da carta-testamento de Getúlio Vargas, deixada no dia de sua morte, a 24 de agosto de 1954, Osakabe afirma ser esta,

... resultado aparente de um esforço de explicitação das causas que teriam levado o autor ao ato definitivo, na verdade, ela tenta fazer cair sobre os agentes da morte o peso de seus próprios atos. É uma peça que, valendo-se desse processo de culpabilização, tenta dar um sentido e uma fecundidade ao auto-aniquilamento (via de regra, o indivíduo que comete, junto com a própria morte, uma carta “aos que ficam”, deve acreditar no poder transfigurador de seu próprio ato).⁴

A carta-testamento do chamado “pai dos pobres” – a mais conhecida e, talvez bombástica, carta de um suicida brasileiro – pode ser vista assim, como uma carta típica de alguém que voluntariamente atenta sobre sua própria vida, alinhando-se as de tantos outros que tentam explicar “as razões inexoráveis de seus atos”. Porém, “diferentemente (...) da maioria das cartas de suicidas, as cartas de Vargas falam daquilo que marcou seu lugar na história: o poder.” A morte – tratada em escritos epistolares e em seu diário –, não era para Getúlio Vargas, afirma D’Araújo, “um recurso para lidar com dilemas existenciais de ordem pessoal ou íntima”, mas sim, “um instrumento de poder, um recurso político, uma maneira de valorizar seus feitos e de construir uma imagem grandiosa para o futuro”.⁵

As cartas e bilhetes, sobre os quais, lançamos um olhar neste texto, em nada se parecem com os escritos de suicidas notórios – como Vargas – a despeito de que, em alguns momentos, construam pela escrita, suas mortes – de gentes comuns – como morte-sacrifício ou morte-tragédia, a exemplo do notável político. Em nenhum momento, porém, pode-se perceber qualquer indício de que estes escreventes identifiquem seu ato sacrificial, como um ato político. Tais cartas e bilhetes configuram-se como ‘escritos de si’, ou seja, derradeiros escritos auto-referenciais ou autobiográficos. Fragmentários e esparsos lançam flashes apenas sobre vidas ordinárias, que oscilaram entre a razão e a loucura, ao cometerem suicídio.

Segundo Gomes,

... a correspondência tem um destinatário específico com quem vai se estabelecer relações. Ela implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê – sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis

através do tempo. Escrever cartas é assim 'dar-se a ver', é mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo 'visto' pelo remetente, o que permite um *tête-à-tête*, uma forma de presença (física) inclusive muito especial.⁶

No caso das cartas de suicidas, apesar da ausência da reciprocidade esperada na correspondência usual – quem envia uma carta a alguém espera receber uma resposta – não deixa de existir uma interlocução – ainda que nem sempre o destinatário seja o primeiro e raramente seja o único leitor –, não deixa de sentir-se a presença (também de uma forma muito especial – dolorosa, desesperada, louca!?) da pessoa cuja vida acabou de esvair-se por um ato voluntário. Há um *tête-à-tête*. Não o comum em outros tipos de correspondência, mas certamente o brado daquele que despediu-se e o daqueles que, debruçando-se sobre o cadáver, perguntam a quem não tem mais voz para responder; tentam responder – em sussurros ou em prantos – eles mesmos as perguntas; lêem e relêem um texto, por vezes, sintético, fluído, esparso e fragmentário buscando compreender o ato.

A escrita de cartas ou bilhetes – especialmente as de conteúdo pessoal – é uma prática relacional, além de ser “um espaço de sociabilidade privilegiado”. Para os suicidas, talvez, escrever mensagens de adeus tenha se configurado como um espaço e um momento, como afirma Gomes, de “estreitamento (ou rompimento) de vínculos”⁷, com outros indivíduos que fosse impossível de ser conquistado em outros momentos. Carregadas de relatos sobre desencontros amorosos, doenças, ciúmes, raiva, vingança, vergonha, orgulho ferido, solidão, problemas financeiros, dívidas – informações sobre a vida vivida –, as cartas dos suicidas – como todo escrito de si – configuram “um lugar de memória”. Lugar este constituído a partir do desejo, das circunstâncias e dos momentos da história de vida de pessoas, sem dúvida, no limite.⁸ Também, a partir das cartas dos suicidas, é possível afirmar que “as práticas de escrita de si evidencia[m], (...) com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser 'decomposto' em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc.”⁹

2. As mensagens de adeus de suicidas na Comarca de Toledo/PR: o tema do amor.

Mensagens de adeus de suicidas são documentos raros encontrados entre os registros policiais de suicídio. Nas décadas de 1980 e 1990 foram abertos, na Comarca de Toledo/PR, 75 inquéritos referentes a casos de suicidas do sexo masculino e 23 do sexo feminino. Em apenas cinco, de um total de 98 inquéritos, constava algum tipo de mensagem. Anotações em uma caderneta, um bilhete lacônico e uma pequena carta foram escritos por mulheres, na faixa etária entre 25 e 35 anos, todas brancas e mortas por envenenamento; uma carta foi escrita por um jovem de 19 anos, branco, que se suicidou com arma de fogo e um conjunto, composto por nove bilhetes e uma carta, foi escrito por um homem de 45 anos, de cor amarela, que se enforcou. Entre temas variados, motivadores dos atos extremos de autoviolência conduzidos por essas pessoas, um se destaca: o amor e suas variações, a falta, o excesso, a culpa... Na esteira deste tema, que parece ser o móvel principal, de grande parte das 'fugas' da vida, surge a inexorável cobrança social (e pessoal) pelo cumprimento dos papéis de gênero, que soam como destinos de gênero.

Dos três escritos de mulheres suicidas, encontrados junto a seus cadáveres, dois foram dirigidos a homens que com elas mantinham relacionamentos afetivos e/ou sexuais e o terceiro foi dirigido a uma amiga.

Maria, 35 anos, casada, ajudante de produção num grande frigorífico, escreveu em 29 de junho de 1992, a seu esposo:

Amor, quero sair desta vida para outra vida, não quero mais fazer você sofrer por minha culpa, eu só tenho que desejar pra você felicidades, cuida bem da minha filha acerta a conta lá na Sadia e coloque na poupança em nome da Marina, não judia dela eu vou tirar a minha vida porque você vai me deixar eu sem você não posso ficar não chore porque eu não mereço¹⁰

Já Ilka, de 27 anos, que se suicidou em 04 de março de 1988, entre as declarações de amor escritas em uma caderneta e dirigidas a Amílcar, justificou seu ato em benefício da liberdade do amado: "Agora você está livre de mim, livre para voar."¹¹

O motivo que levou Paula, uma jovem enfermeira de 25 anos, a abandonar a vida deixando sua derradeira mensagem a uma amiga – “Te mando meu último abraço, só estou fazendo isso, pois não sou feliz” – não parece ter sido semelhante ao que moveu Maria e Ilka a se suicidarem, porém o tema foi o mesmo: ainda o amor. Não o amor passionai e extremo dos amantes não correspondidos (ou que se acreditam assim), mas sim o amor fraterno entre pais e filhos. Segundo Wagner, amásio de Paula, a grande tristeza desta estava ligada ao desaparecimento de um filho que tivera com seu ex-esposo e que estava sob guarda dos avós paternos.¹²

O amor foi também tema das cartas masculinas. Yoshiro, um comerciante de 45 anos, que se suicidou em 09 de fevereiro de 1984, autor de nove bilhetes e uma carta, dirigiu esta última a sua mulher: “Sonhei sempre mais coisas boas com você e nossos filhos, mas infelizmente da minha parte fracassei, aqui não agüento mais, continue educando bem nossos filhos como você sempre fez.” Aos três filhos deixou um bilhete, no qual afirmava saber da “grande decepção” que seu ato representava para todos eles, mas que não tivera “outra alternativa” e que então eles deveriam seguir “sempre a orientação da mãe, ‘por favor’ orgulhe da mãe que vocês tem porque o pai fracassou para vocês. O meu erro chegou a isto de ser muito confiante com os outros”.¹³

A outra carta masculina encontrada é também uma carta de amor, porém não dirigida a alguém em especial. Em 27 de dezembro de 1982 José, 19 anos, solteiro, vigilante bancário, que viveu em um orfanato desde os três anos de idade, escreveu:

A solidão de minha vida, vivo sofrendo, por mim ser sozinho, estou desesperado já não agüento mais. Vivo jogado no mundo sem carinho sem amor. Vejo os outros jovens da mesma idade todos felizes uns namorando outros felizes por estarem conversando, tudo isso me dói no coração. Passei o natal muito bem com as crianças que vivem como eu. Peço para vocês que vão ficar não deixe uma criança desamparada. Dê o carinho para elas senão mais tarde poderá seguir o mesmo rumo.¹⁴

Variações sobre o mesmo tema – o amor –, as narrativas oriundas das cartas e bilhetes apresentados – conjugadas a vestígios provindos de outras fontes –, abre um leque de interrogações e possíveis relações que podem, ao ser descortinadas, revelar uma trama

histórica complexa e intrincada, lançando luz sobre práticas e representações cotidianas, sobre as relações entre individual e coletivo, entre público e privado, relações, étnicas, de geração, de classe e gênero, num certo tempo e lugar. Sobre estas últimas – as relações de gênero –, mesmo a escrita fragmentária dos suicidas revela que certos padrões permanecem muito arraigados no imaginário individual e coletivo. Os papéis ideais de homens e mulheres, como: a conquista amorosa, a manutenção e o provimento do lar, o exemplo, a força..., atributos (naturalizados como) masculinos e o amor afetivo e filial, a responsabilidade pela manutenção do casamento, o cuidado com os filhos, atributos (naturalizados como) femininos, são reforçados nas mensagens de adeus dos suicidas.

Mesmo nestas, escritos derradeiros, onde se imagina não haver – tomada tão drástica decisão – qualquer espaço para o segredo; mesmo estas, são marcadas “pelo cuidado no estabelecimento de relações”. Os escritos epistolares dos suicidas podem, como afirma Gomes, “combinar com grande facilidade o que vem do cotidiano/ordinário [das vidas comuns de gentes comuns] com o que vem do maravilhoso/extraordinário [o sonho, o projeto, o ideal imaginado...]”.¹⁵ São, neste sentido, espaços de construção / manutenção ou tentativa de romper uma imagem sobre a própria vida, pois como diz Ricouer, “a história de uma vida não cessa de ser refigurada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta de si mesmo. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas”.¹⁶

NOTAS

¹ Doutora em História. Professora do CCHS e do PPG em Desenvolvimento Regional e Agronegócios - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Toledo. E-mail: yonissa@unioeste.br

² Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais. Mestranda do PPG em Desenvolvimento Regional e Agronegócios - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Toledo. E-mail: keila_bb@hotmail.com

³ BOLLÉME, Geneviève. *O povo por escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 201.

⁴ OSAKABE, Haqira. A carta-testamento ou a cena final de Getúlio Vargas. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Batelha. (orgs.) *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.373.

⁵ D'ARAÚJO, Maria Celina. Getúlio Vargas, cartas-testamento como testemunhos de poder. In: GOMES, Angela de Castro. (org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

⁶ GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, op.cit., p.19.

⁷ Id. ib.

⁸ Pierre Nora *apud* GOMES, op.cit., p.18.

⁹ GOMES, op. cit., p.13.

¹⁰ JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE TOLEDO. Inquérito Policial N.171/92 – Carta de M.N.S.P. Os nomes dos envolvidos nos inquéritos policiais foram trocados por pseudônimos.

¹¹ JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE TOLEDO. Inquérito Policial N.45/88 – Carta de I.S.

¹² JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE TOLEDO. Inquérito Policial N. 46/82. Carta de P.G.

¹³ JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE TOLEDO. Inquérito Policial N. 029/84 – Carta de Y.S.

¹⁴ JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE TOLEDO. Inquérito Policial N. 58/82. Carta de J.W.

¹⁵ GOMES, op. cit., p.13.

¹⁶ RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa* – tomo III. Campinas, SP: Papirus, 1997, p.425.